

Especial

Joias em papel machê

Luciana Meirelles se emociona quando lembra de sua trajetória e como se reinventou profissionalmente prestes a completar 60 anos de idade. Arquiteta de formação, a pernambucana sempre teve habilidade manual — aliás, escolheu o curso por causa disso. “É, realmente, eu gostei do curso, mas não me identifiquei.” Tanto que, depois de formada, Luciana foi trabalhar com produção de cerâmica, no final da década de 1980.

Dois anos depois, porém, mudou o rumo profissional e montou um pequeno ateliê de costura, em que trabalhava com malha. “Era um tipo de moda autoral, mas bem caseira. Passei 10 anos com isso e, nesse período, comecei a fazer acessórios para mim, porque sou muito alérgica e não gostava de usar metal. Eu usava couro, madeira, palha, miçanga... Mas eram materiais muito comuns e isso me incomodava”, confessa.

Em 2010, Luciana largou os trabalhos manuais por um emprego fixo. E os acessórios ficaram ali meio adormecidos. No fim da pandemia, a pernambucana viu que era hora de voltar a trabalhar com o que realmente amava. “Quería criar uma peça que tivesse a minha identidade, que só eu tivesse. Não queria voltar para o barro, porque você precisa ter um local para o forno, e eu queria montar meu ateliê em casa.”

Foi aí que surgiu a ideia do papel machê. A arquiteta já conhecia o material e decidiu fazer testes. Produziu algumas peças e levou para feirinhas do Recife para ver a aceitação. E viu que poderia dar certo. Investiu na produção e, em 2022, participou da sua primeira Fenearte. Surgiu, assim, a Lu Madre (@lu.madre).

A artesã sonhava em deixar o emprego para se dedicar integralmente à paixão pelos acessórios. Mas não se sentia preparada. Até que participou do programa de incubação do Marco Pernambucano da Moda para estruturar a marca. Na sequência, veio a oportunidade de fazer um curso no Instituto Rio Moda. “Eu precisava me dedicar 100%. Aí, tive coragem e pedi demissão do emprego.”

E as oportunidades não pararam de chegar. Luciana recebeu o convite para fazer uma coleção exclusiva para a marca de praia Rush, do Recife, e o Instituto C&A, junto com a Nordeste, abriu um chamado para selecionar 20 marcas nordestinas para participar de umas palestras. “Eu me inscrevi e fui



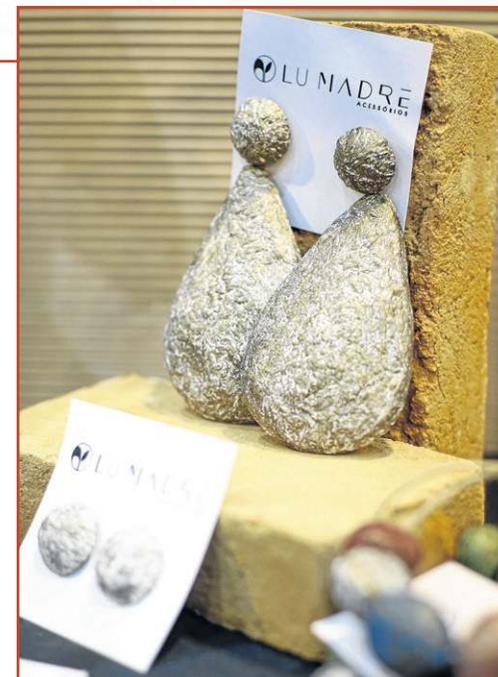
selecionada. Dentro dessas 20 marcas, cinco foram selecionadas para ir ao São Paulo Fashion Week, e eu fui uma delas.” Luciana também foi convidada por Cris Rosenbaum a participar da Feira de Rosenbaum. “Assim, as portas começaram a se abrir para mim.”

Criação

Luciana acredita que o sucesso das suas criações se dá pela exclusividade. “Como não uso forma, cada peça minha é única. É tanto que tem peça que eu nem fotografo para colocar no site, porque não sai igual. Algumas eu consigo reproduzir e até elas saem parecidas.”

Para formar a massa de papel machê, a artesã utiliza três tipos de papel: rolinho de papel higiênico, quando precisa fazer um trabalho mais rústico, que não precisa lixar; papel ofício de descarte, que recebe de doação de escritórios; e papel higiênico, quando quer fazer algo mais delicado. “Vou modelando, como se fosse barro. Aliás, eu trouxe muita coisa do barro para o papel machê.” Inclusive, alguns brincos, colares e pulseiras, de longe, até parecem cerâmica.

Uma das preocupações de Luciana é com o tingimento dos acessórios. Ela usa tinta acrílica à base de água, mas sempre mistura as cores para criar o seu próprio tom, o que faz as bijus serem ainda mais exclusivas. “Eu vendo uma joia feita de um material que não é nobre, que não é uma prata, não é um ouro, mas é uma obra de arte.”



Acessórios criados por Luciana

